

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 5.

SABBADO 5 DE MAIO.

1860.

EDUCAÇÃO.

EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÕES.

IV.

Lembrae-vos, meus caros meninos, de um rapazinho cambeta, que passa muitas vezes por aqui, vestido ordinariamente de uma nodoadá blusa azul, mal calçado, trazendo na cabeça uma amarrotada garra de duvidosa côr? Entendes observado que elle anda quasi sempre aos pulos, contendendo com todos e jogando pedradas enquanto cão ou animal encontra pelas ruas? E não sabeis quem elle seja? Pois eu vol-o direi, e vou contar-vos algumas das suas proezas, ou travessuras.

Quando elle ainda era pequenino e innocente, e os padrinhos o levaram á pia do baptismo, o padre o baptizou com o nome de Simão, mas tendo deixado de engatinhar, e desde logo mostrado uma disposição sem limites para travessuras, e mesmo de pequeno começado a praticar diabrurnhas, o povo que ás vezes tambem se arvera em padre ou bispo: entender que de novo o devia baptisar, ou chrisimal-o com um outro nome, que mais lhe adaptasse; o facto é que hoje por toda a cidade, ninguém o conhece si não pelo—Capêta, nome posto pelo povo; e que, si bem não seja lisonjeiro, Simão por elle dá, e quasi que o julga já seu nome proprio.

O povo, meus meninos, tem muitas destas graças, e mesmo de outras mais pesadas; o ponto é cair-se-lhe no desaffecto, que elles não se mostram generosos: logo acham um defeito, ou assacam um baldão injurioso; o que querem, é tornar ridiculo a todos, a sua pobre victima; sem que lhes pése do mal que fazem.

Simão mostrando-se sempre tão endiabrado, não podia deixar de cair logo no geral aborrecimento; e eis porque mal apparecia em qualquer rua, logo se ouvia uma ou outra pessoa dizer aos outros—lá vem o Capêta da mão furada; e os outros rapazes, si bem que quasi todos d'elle tem medo, lhe fazem assuadas onde quer que o encontrem; e

nem ficam elles sem suas pedradas que o tal Capêta do Simão sabe atirar com mão certa.

Ninguém, ninguém, meus meninos, pôde gostar de rapaz tão travesso assim, e tão mal inclinado, qual é Simão. Ora, eu vos conto o que elle fez um destes dias, o que é uma das provas da sua maldade. Estavam ali no canto umas mulheres conversando juntamente; e não sei porque fatalidade o tal Capêta havia logo de atirar uma pedrada em um cachorro que por ali passava, que fez o pobre bicho na fugida ir de encontro, todo enlameado que estava, á uma das mulheres, que mais bem vestida era, e a alva saia della enlamear. A mulher alem do susto de ver a besta saltar para o seu lado, o que a fez temer que era damnada, enraiveceu-se de ficar com os crespos babados todos sujos, todos cheios de lama; e ella que parecia tão faceira, não podia soffrer maior desgraça. Sujar os babados de uma alva saia, é na verdade cousa triste, e si a dona alem disso é faceira, si gosta de os ver crespos, sacudidos pelo vento, si gosta de os contemplar, oh! é horrivel mesmo pensar-se nisso. Podeis agora bem avaliar, o como não ficaria aquella Ingracia, com o infasto que lhe succedera. Cheia de raiva vira-se para o tal rapaz, que ella bem via ser a causa do successo; e em tom ameaçador o descompõe, e até mostrou desejos de lhe ir ás orelhas, si por ventura, nas mãos o tal Capêta lhe caísse.

Simão que é já macaco velho, tão tolo não é, que nas unhas da tal Ingracia se mettesse; e lá de longe qual pantomimo, ou palhaço de algum circo, lhe fez grimaceas de todo o genero. Mas nisto não ficou a farça concluida; elle quiz um novo acto juntar a este das suas diabolicas gracinhas.

Correu, sumia-se. D'ahi a pouco, eis que de novo lá vem o Capetinha já d'outro lado; e pé ante pé da pobre mulher se aproxima. Do que se havia de lembrar este judeu? Com um vidro de augmento, que sustinha, os raios do sol dirige á saia, que a pouco causára enlamear-se; e só depois que a fumaça era já muita, é que a

pobre mulher deu pelo fogo, que lhe ia pela saia.

Mas pensaes, que este diabrete levou a sua a salvo? Pegado o fogo, e quando ia já lavrando, dá um grito a mulher; e o Capêta que nisto quer correr, de narizes vae ao chão, falseando o pé de que não era cocho, em um buraco que pedra arrancada deixára na calçada. Nisto um caipira, que o acaso ali trouxera, para castigo daquelle malvadinho: os gadanhos lhe ferra nos cabellos, e em menos tempo do que contarvos posso: lhe zurze tres lambadas de rebenque retorcido, que na mão trazia.

O Capêta por fim desenvencilha-se da mão do que o agarra; e foi, como se diz, pela rua abaixo—vendendo azeite ás canadas.

(Continúa.)

O « Regenerador », a Religião e a opinião (*).

II.

Attaquemos a questão de frente.

O que pretende o *Regenerador*?

Regenerar o paiz pela religião catholica-apostolica-romana, exclusivista e intolerante, como a professam a curia romana e os ultramontanos.

Não desconheço a immensa influencia que exerce a religião sobre a sociedade; não ignoro que todos quantos beneficios tem recolhido a sociedade moderna, são provenientes do christianismo; não nego que o christianismo possa ainda fecundar e dirigir pelo bom caminho os germens bons do corpo social, que ainda não partilharam a corrupção dos seculos; não repillo, ao contrario chamo de todo coração a religião do Crucificado para o seio da familia.

Mas na quadra actual, na actual situação dos espiritos, é razoavel aguardar do elemento religioso a regeneração do paiz?

Temos todos presente o procedimento da Curia romana nestes ultimos tempos, que unico tem consistido em excitar, fomentar e propagar a reacção ultramontana.

Não precisa ir á Europa, basta lançar os olhos sobre a nossa terra.

Basta ponderar a reacção jesuitica, as prégações em bem da restauração da inquisição, a

guerra declarada de alguns missionarios á tudo que ha constitucional e livre, os sermões contra o que elles chamam de *philosophismo*, e que não é mais do que a summa dos direitos do homem proclamados pela sabedoria politica, pelas illuminações patrioticas de 1789.

Isto revolta, isto indigna, é ascoroso de contar-se e duro de ouvir-se.

E não é uma opinião, não é um raciocinio, é um facto presenciado por todos, testemunhado pelos catholicos de boa fé e sentido por todos que não veem incompatibilidade entre a cruz e a liberdade.

Ora, com estes factos de ha ponco, de hoje, com a historia de todos os tempos na mão, com os jornaes á vista, como é que os espiritos, ainda os menos previnidos, hão de aceitar e promover o ensino dos frades? Como é que hão de depositar confiança nas promessas do ultramontanhismo? Como é que lhe hão de dar quinhão no poder social?

Entendo que a base da educação intellectual e moral deve ser a religião; mas por ventura só os padres é que são competentes para o ensino religioso? só elles é que aprenderam a doutrina catholica, só elles é que têm estudado os dogmas, a tradição e a historia da igreja?

Cumpra notar, além disto, que os principios religiosos não se adquirem nas escholae, aperfeçoam-se e consolidam-se ali; mas o germen vai do berço, leva-se da casa paterna, onde são aprendidos no collo de nossas mães. E estas sublimes educadoras de todo se descurarão, menos de instruirem seus filhos nos dogmas christãos, menos de recommendar-lhes e ensinar-lhes com o proprio exemplo a pratica das virtudes christãs.

Em regra, assim é.

O *Regenerador* attaca com incrível denodo e sanha os institutos de educação seculares. A' seu vêr, « todo o systema de educação (secular) é vicioso: o joven catholico, que « tem de viver na sociedade politica moderna, « recebe uma instrucção essencialmente pagã « e revolucionaria: vive em Roma, em Athenas, admira seus heróes, seu patriotismo, « suas agitações, suas eloquencias, suas poesias, estuda a sua mythologia com todas as « suas devassidões. »

São as ultimas linhas do n. 20 do *Regenerador*.

A' parte o trecho relativo ao estudo das devassidões da mythologia romana, que parece dito só para arredondar a phrase, indigna lér essa condemnação dos estudos historicos os

(*) ERRATA do 1º artigo.—Lin. 1ª, onde diz: concluidas, leia: conhecidas.—Lin. ultima, onde diz: estudar-se, leia: estudadas.

mais proprios para formarem o civismo illustrado e generoso da mocidade.

Pois quando todas as nações cultas buscam com affan que seus filhos se eduquem na escola do patriotismo dos Decios e Catões; quando todas as nações livres promovem com empenho o desenvolvimento dos bons instinctos da mocidade, pondo-lhes por diante dos olhos os grandes feitos dos grandes homens; é no Brasil que vemos condemnados esses magestosos vultos da historia, que assemelham-se ás pyramides do Egypto nas extensas solidões do deserto, e proscriptos os fecundissimos exemplos que elles nos ministram?

Ubinam gentium? quo tempore vivimus?

Não sabe o *Regenerador* onde os grandes homens da Inglaterra têm ido sempre beber a mascula energia, o viril patriotismo que os distingue e que faz d'elles um exercito de campiões energeticos, intelligentes e dedicados da boa causa da civilisação? não sabe aonde? em Eton e Harrow, em Oxford e Cambridge, onde se ensinam o latim e o grego com mais complacencia, affetto e gosto do que nas nossas aulas.

E são por ventura *pagãos e revolucionarios* os Inglezes?

Outro erro do *Regenerador* é suppor que os institutos de educação ecclesiasticos são os unicos onde o paganismo das crencas não anda de envolta com a soltura dos costumes.

Deploravel engano! triste illusão!

Não: nelles é que está, mais do que n'outra qualquer parte, a gangrena da corrupção; ali é que reina a perversão dos costumes; ali que os jovens começam a descreer da sanctidade do christianismo: esses jovens que abaixam os olhos, cruzam os braços e dobram a cerviz quando vêm passar o reitor, dando testemunho da educação servil, dos habitos de escravo á que os vão acostumando directores ineptos e inimigos de tudo que ha liberal, de tudo que ha grande e generoso nos instinctos do homem, de tudo que ha elevado e progressista na sociedade.

Si o illustre redactor do *Regenerador* quizer presenciar o que ousou avançar, não tem mais do que entrar a portaria do Seminario Episcopal de S. José, no Rio de Janeiro, e lançar os olhos por esses extensos corredores, e retirar-se enjoado do que viu fazerem os rapazes.

E quaes são os estudos theologicos do Seminario de S. José? Tem duas cadeiras de theologia, uma de direito canonico e outra de liturgia. Os preparatorios são, em geral, mal

leccionados, pouco estudados e peor aprendidos. Ha, sim, muita reza: de manhã, hora e meia de côro; ao reletorio, reza tres vezes no dia; á noite, mais duas horas na capella. Os alumnos aborreceu-se de tanta reza, criam tedio e aversão pelos officios divinos, e ali estão os grandes beneficios da melhor casa ecclesiastica de educação que temos.

E quem tem a culpa disso?

O governo!—Não falta quem responda.

Mas vá o governo chamar a si a direcção de um Seminario Episcopal. Aqui d'El-rei! profanação! despotismo! o governo quer dominar tudo, até os escondrijos do confissionario! já basta de intervir em cousas que não estão dentro de sua alçada.

Mas não.

Os culpados da ignorancia e da immoralidade do clero são os bispos. A' elles, mais do que á ninguem, é que incumbe e compete promover e animar os estudos theologicos, velar pela manutenção da disciplina, observar e fazer observar os rigorosos costumes que o Evangelho recommenda-lhes.

Unum ovile, unus pastor: bonus pastor, optimum ovile.

E' o pastor que faz o rebanho.

Ora, com esse clero insufficiente e que se prepara nos institutos de educação religiosa; com os exemplos que todos temos presentes da reacção ultramontana que vai tomando vulto; e de outro lado, com o espirito britanico de independencia, com esse germen de *self-government* que palpita no coração da mocidade brasileira; como é que se ha de aguardar do ultramontanismo, isto é, do despotismo da sotaina e da batina a regeneração do paiz?

E quer o *Regenerador* que na commissão da Instrucção publica entrem dous ou tres ecclesiasticos de nomeação do Bispo!

Para que? Os anjos que lhe respondam.

Longe de mim o pessimismo no que quer que for. Temos alguns sacerdotes instruidos e de costumes irreprehensiveis; porém estes são *rarinantes in gurgite vasto*. E mesmo isto no Rio, na capital do Imperio.

Negar estes factos, é ter olhos e não querer ver, ter ouvidos e não escutar para não ouvir.

Agora, que entrem para a commissão da Instrucção publica dous ou tres padres, uma vez que se tenha a felicidade de extremal-os d'entre os bons pela intelligencia e pelo coração, vá, não é absurdo, e talvez que fizesse algum bem; uma vez, porém, que não ficasse isto como obrigação, nem systema.

Mas essa nomeação do Bispo, que pede o *Regenerador*, para que é? a que vem semelhante emplastro?

Si a instrução publica não é da privativa attribuição do governo, deixem-n'a entregue á si propria, ás suas proprias forças, ás suas leis regulamentares.

Si é, então não se metta no meio o poder espirital, tenha-se lá o Bispo, que o negocio não é seu, nem ninguem o chama cá.

Quando comprehenderão os nossos politicos que o Estado e a igreja são duas instituições inteiramente distinctas, que não devem empolgar, uma as attribuições da outra?

Já é tempo da religião libertar-se da tutela dos Cesares; mas por isso não queira já reagir e assumir a posição de tutora do Estado.

Reposemos um pouco.

No proximo artigo, fallarei da pedra de escandalo do *Regenerador*, o pamphleto de La Guerronnière: o *Papa e o Congresso*, das Encyclicas do Santo Padre, e do silencio do Sr. Bispo conde de Irajá sobre as questões da actualidade.

As cousas de si nem valem a pena de uma discussão; mas o *Regenerador* montou-as como o seu cavallo de guerra, e é bom que se apeie de tão fraca cavalgadura.

Um protesto que ainda e sempre vem á tempo.

Não quero saber das intenções que têm dictado os artigos religiosos do *Regenerador*; quero consideral-as puras e limpas de toda macula. Não cuidem, pois, que ha e nem procurem descobrir atravez das minhas expressões pensamentos occultos que não tenho.

Si escapar, nestes escriptos, algum termo menos cortez, alguma expressão menos considerada, que o *Regenerador*, ou quem se der por offendido, a tenha por não dicta, porque eu retiro-a.

Discussão franca, mas polida; eis o unico meio de chegar-se á um accordo.

S. Paulo, 15 de Abril.

† †

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 31.)

Quando uma tempestade rugia lá nos ares—elle a elevava no páramo das nuvens, e com ella contemplava o poder e a grandesa de Deus.

Seguia, com ella—os listões de fogo que—quaes serpentes, se encontram, luctam, e por fim morrem ao ecoar do trovão pelas immensidades do espaço:—e depois ia col-

local-a n'um raio da lua, ou d'uma estrella ao romperem-se as densas nuvens da tempestade.

Ideava sua forma ao pensar na harmonia das espheras suspensas na abobada celeste, e julgava ouvir-lhe a voz na melodia das vozes que saudam o Creator, no canto indefinivel da natureza,

Seguia, com ella, o redomoinhar do turbilhão por sobre a terra, o rugir da procella nos montes e prados:—e depois ia collocal-a nas azas da brisa que a noitinha perfuma os ares, ou sentia-a na aragem da manhan que, embalsamando-se nas flores, vac morrer aos raios do sol nascente.

Seguia, com ella, a vaga que se quebra no extorcer dos elementos desvairados:—e depois ia ouvil-a no murmurar docemente do regato por entre fresca verdura.

Seguia com ella o doidejar d'um baile, quando o corpo cansado estremece, e o coração geme de volupia:—e depois ia adoral-a, de joelhos, diante de um altar, resando a Deus por seus amores.

Seguia, com ella, as turbas felizes no seu rir sobre as illusões da vida:—e depois ia collocal-a sobre um assento duro e mesquinho para d'ahi ouvir o cantar cadencioso, triste e dorido da pobreza no seu chão de miserias...

Seguia, com ella os folgares do mundo: dava-lhe esplendidos palacios, macios divans—um luxo offuscador:—e depois ia, bem longe do mundo, viver nas delicias de seus amores.

Seguia, com ella, o vociferar d'uma orgia, ahi quando o vicio dos espiritos e o vicio do amor, rebaixam o homem á ultima escala da sociedade:—e depois ia, no silencio, contemplal-a na sua pureza de virgindade.

Quanta vez ao correr alto de noite de vigilia, quando o cerebro se lhe aquecia n'uma idéa—*Ella*—elle não pedia a Deus um raio da sua poesia infinita para doirar-lhe a existencia?..

Quanta vez seu coração não parava ao recordar-se d'um longo beijo fruido em labios que iam dizer-lhe—amo-te?

Quanta vez ao adormecer—na mente aquella imagem de amante, elle não gosava sonhos—e que sonhos meu Deus?..

Eis aqui como elle amava: era um amor de poeta, ou de libertino?

Quereis saber como a sua amante lhe respondia?

Eis aqui o seu amor:

Um dia suamãe jazia sobre um leito ago-

nisando entre dôres horriveis. A casa estava toda em movimento, porém moviam-se e fallavam baixinho. Em alguns olhos corriam lagrimas de verdadeira compunção. Este silencio atterrador era de vez em quando quebrado por um gemido lastimoso da doente ou pelo chorar suffocado dos assistentes. A anciedade e o terror pintados nos semblantes bem denotavam que todos esperavam um sinistro.

Era um desses dias que a luz nos incomoda,—porque tememos muito ver, e a noite nos causa medo—porque com o silencio vem a imagem dos tumulos... e o tumulo é o termo final a que jámais queremos chegar.

Era um desses dias lugubres em que a morte paira negra sobre a cabeceira d'um mortal... Ri-se e zomba com seu rir gelador, e depois ou desce a pousar na fronte pallida de sua victima—ao ecoar d'um hymno de plagas e blasphemias; ou se arreda fugitiva—ao ouvir vozes alegres de felicidade.

Miseria humana!.. A morte percorre o mundo sobre risos—cantos e flôres, ou sobre lagrimas, gemidos e maldicões... E esse hymno horrivel é o hymno da humanidade...

Na porta d'uma ante-sala, bem proximo ao quarto da doente, distinguia-se, ao reflexo dos ultimos e desmaiados raios do sol, dois vultos que conversavam a sós, e quasi unidos.

Eram um homem e uma mulher.

Quereis saber quem são elles? Aproximemo-nos: a embriaguez do amor é tam bem uma cegueira—elles não nos viram.

Vêde: o homem é o meu amigo, amante dessa mulher, cuja mãe exala neste instante um gemido tão pungente...

Vêde: elle contempla, delirando, esse rosto tão suave, descorado pelo rapido pulsar do coração em sobresalto de amor...

Vêde: elle une os labios nos della, uma força magnetica os arrebatava,—elles immudemem de felicidade...

Vêde: ella inclina a fronte abrasada sobre o peito de seu amante, e o braço delle cingiu-lhe a cintura... A languidez desse affecto tão profundamente sentido, fundiu suas almas uma n'outra... Seus corações estão a transbordar de amor...

Escutemos o que elles dizem.

= Oh—meu anjo!.. si soubesses o que neste momento eu sinto?... Si eu pudesse verter em teu coração até transbordar todo

o amor que o meu contém? Mas tu não saberias me comprehender—eu mesmo ás vezes me assusto da intencidade desta paixão—Escuta. As vezes minha imaginação se aquece, se exalta—delira—porque tua imagem passa incessantemente por diante de meus olhos.—Como é bella assim como essa côr de volupia nas faces, com esses olhos humidos, com esses labios entre-abertos pelo suspirar do coração!.. Então sinto o sangue correr-me nas vêas, meu ser deavna—e eu daria a vida por estreitar-te nos braços, como te estreito agora, por beber em teus labios o mel d'um beijo lento em que as almas se tocam, por sentir em meu peito tremerem teus seios agitados—por te vêr como agora pallida de paixão qual virgem que se assusta e deseja as caricias do amante!..

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= Eu passaria, se mister fosse, por cima d'um cadaver—com tanto que me deixasses reclinar a fronte em teu collo, aspirar o perfume de tuas tranças soltas—e vêr-te emudecer ao comprimir de meus affagos!.. Com tanto que respondesses com um suspiro bem doce, á minha voz que te diz: Eu te amo!..

E elle beijava-lhe as tranças longas e negras, e a jovem suspirava aos carinhos de seu amante, e com voz cortada murmura. Oh—eu tambem te amo...

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= Outras vezes, continuou elle com exaltação:—eu te contemplo com o respeito e sanctidade com que se contempla uma imagem... temo que um meu olhar, que um meu desejo não vão manchar o espelho puro da tua alma!.. Então de joelhos, com as mãos erguidas para o Céu, eu implôro: Meu Deus!—eu amo-a! a sua existencia já está infiltrada na minha existencia, sua alma já está casada com a minha alma!.. Dae-m'a meu Deus que eu não posso viver sem ella... Por ella eu aprendi a crêr em Vós—eu Vos amo, eu Vos admiro nessa Vossa creatura!. Dai-m'a meu Deus que eu não posso viver sem ella!..

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= E eu não te amo com igual força lhe respondeu ella.—Por ti eu não desprezo talvez os ultimos anceios de minha mãe moribunda?. Por ti eu não abandono seu leito de dôres olvidando meus sagrados deveres de filha?... Por ti eu não esqueço talvez seus ultimos conselhos, sua bençãam suprema e derradeira... E duvidarás que te amo?.

E a doente gemia em seu leito de dôres...
 = Oh não! meu anjo!... Eu creio em ti como se crê no ideal que a imaginação crêa ao entrever os gososdo primeiro amor!. Eu creio em ti como se crê nos sonhos dourados d'um porvir que amante no-lo pinta e no-lo promete beijando-nos a frente. Eu creio em ti como se crê na mulher ao receber-se de seus labios a primeira confissão, o primeiro protesto, o primeiro osculo de amor!.. Eu creio em ti como a infancia crê nas preces dirigidas a um Deus justo e misericordioso!.. E como deixaria de acreditar naquella que suffoca no coração o grito da natureza? daquella que neste momento...

Aqui foram elles interrompidos por um gemido agonizante, gelador, que esfriava o coração e o fazia parar. Retumbam passos nos aposentos interiores, e movimento por toda a casa.

Os amantes se olharam com susto e com saudade, ao mesmo tempo. Era talvez o momento em que elles mais se amassem, em que suas existencias mais se ligassem em que a paixão se revelasse com mais força,—esse em que a morte lhes mostrava que tudo no mundo passa, que tudo é ephemero e fugitivo...

Com tudo um beijo estalou acompanhado destas palavras = Encontrar-me-heis quando saíres.

Já em tempo. Uma porta se havia aberto, e por entre seus batentes apparecera o vulto pallido e arquejante d'um velho.

Era o pae da donzella.

O meu amigo retirou-se dessa casa. Trazia o coração em luta contra uma dôr e uma alegria, exalando uma prece de morte ou um suspiro de saudade.—Tal é o homem nas diversas phases da vida—sempre misérias e contradicções...

Ao sair encontrou, como lhe havia prometido, a sua jovem amante que o esperava.

A noite já vinha sombreando a terra, as estrellas se mostravam rareadas em um Céu nebuloso.

Este momento era supremo, suas almas gemiam oppressas, seus olhos espantados se interrogavam e elles não podiam fallar. Nos momentos criticos da vida o sentimento verdadeiro cala-se—embora a alma gema, e o coração chore; bofarinheiro de palavras, o sentimento falso declama, grita; cala-se embora a alma esteja soccegada e o coração indifferente. Elles sentiam verdadeiramente

—por isso calavam-se, mas este silencio era a mais viva expressão dos seus adeuses.

Elles se separaram.

Um vulto que os observava deixou seu posto e fugio rapidamente. Ao meu amigo pareceu ouvir-lhe ou som que tinha alguma coisa do rir humano, porem mais do rugir de fera.

(Continua).

VARIEDADE.

FECUNDIDADE DE ALGUNS ESCRITORES.

Ha escritores, diz Vigneul-Marville, a quem muito custa principiar, mas que depois correm a galope apenas a estrada está aberta. A primeira linha da *Historia Universal* de J. de Ehou lhe custaram mais do que o resto da obra, que continuou com grande celeridade. Outros escrevem facilmente, porem gastam muito tempo polindo suas composições. Tal era Horatio entre os Romanos; tal era Rabutin entre os Francezes. Outros em fim, e para sua desgraça, só podem escrever á pressa, e não tem paciencia de corrigir suas obras. Saumaise era deste character, que a ninguem deve servir de modelo, nem de exemplo.

Fabio Leonida, poeta italiano, suava longas horas sobre suas composições, e as retocava mais de dez vezes para lhes dar a perfeição que desejava. Pedro Maffei, que tão excellentemente escreveu em latim, não passava de quatorze ou quinze linhas por dia, Paulo Emilio Sanctorius que emprehendera tambem escrever na lingua latina a historia de seu seculo, era tão vagoroso na correcção do que fazia, que qualquer outro em menos tempo, escreveria a historia de todo o mundo.

Vangelas empregou trinta annos na traducção de Quinto Curcio, mudando-a e corrigindo-a sem cessar. A este respeito lhe disse Voiture: « Nunca acabareis, porque em quanto aperfeioaes uma parte, nossa linguagem muda, e sereis obrigado a refazer as outras. »

Balzac passava os dias e as noites a representar os seus pensamentos com aquella claresa de estylo e escolha de termos que todos admiram.

Petrarcha mudou um de seus versos quarenta e quatro vezes.

Os manuscriptos de Tasso são illisiveis por causa das correccões.

Buffon fez recopiar onze vezes o manuscripto das *Epocas da Natureza*.

Bucquet, erudito Francez do seculo decimo oitavo, leu cincoenta vezes, e quatorze elle mesmo copiou uma de suas obras *sobre a justiça*.

Gaspar Barthius, sabio allemão fallecido em 1587, achando-se no decimo sexto anno de sua idade, escreveu Baillet, compoz um tratado ou uma dissertação em forma de carta sobre a maneira de lér utilmente os autores da lingua latina, a começar de Ennei até o fim do Imperio Romano. D'umonin, autor francez do decimo sexto seculo, no espaço de mezes, traduzio em sette mil versos latinos a *Semana* de Dubartas.

(Continua.)

LEOCRIPHO.

Cinco partes apresenta
O meu todo dividido,
Completando cada uma
Som ou nome conhecido.

Tomae a parte primeira,
Que está da segunda a par;
Attendei só á pronuncia,
Que advorio é de lugar.

A segunda é importante,
Tudo a tem, tudo domina;
Caro paga quem a quebra,
A natura assim ensina.

Aggregado na terceira,
Depois de preposição,
Um artigo lá se vê,
Vê-se feita contracção.

De gallinacos a voz
Repetindo a quarta imito;
A quinta distingue bem
Quem por todos é bemdito.

Sou instrumento
Mui curioso,
Recreio o môço,
Tambem o idoso.

Mil scenas varias
Eu apresento,
Basta um geitinho,
Um movimento.

Fallo tambem
Sem lingua ter,
Semanalmente,
Hao de me vér.

A. F.

MOSAICO.

Uma das antiguidades de Inglaterra mais curiosas é, sem duvida, o cavallo branco que se vê em um outeiro ao pé da estrada de Bath. Esta figura está esculpida no pendor de um cabeço de pedra calcarea, chamada a collina do dragão (*dragon's hill*). E' muito bem feita, e tamanha, que occupa um espaço de 160 varas quadradas: vê-se claramente a dez milhas de distancia: os contornos deste vulto enorme são mui correctos; e na execução se observaram com admiravel habilidade as regras da perspectiva. Figura o cavallo ir ao galope; e quando os raios do sol batem nelle de chapa, a alvura da pedra quasi que cega. As cavidades, abertas para fazer sobresahir as partes da escultura, precisam de ser limpas, de tempos a tempos, da pedra calcarea cinzenta que rola da comba do outeiro. Esta limpeza, fazem-na os camponezes dos arredores em uma festa rustica, chamada a festa da granja do cavallo branco, a qual ainda actualmente se celebra todos os annos.

MUSICIANA.

São maravilhosos os prodigios da musica! Os antigos celebraram-nos pelas tabulas de Orphen, Lino e Apollo: entre os modernos abundam exemplos não menos curiosos. Sabem que em França é applicada a musica nos hospitaes dos alienados como um excellente curativo. Philippe V, rei da Hespanha, foi curado de uma sombria melancholia pela voz poderosa e tocante expressão de Farinelli. Raff salvou a vida da princeza *Belmonte* que se achava atacada de violenta hypochondria, fazendo-a derramar torrentes de lagrimas. Crescentini fez chorar Napoleão e toda sua côrte, cantando *Romeo e Giulietta*. (E' verdade que a côrte podia chorar por imitação.) Senesino, representando com Farinelli, esquecendo que estava em scena, parou de cantar para abraçar o celebre *sopranista*. São triumphos que só pode alcançar a divina arte de Bellini.

A Charton tinha ^{***} rivaes como cantora e como beldade. Uma dessas emulas da sua belleza assistia com um cavalheiro á representação da *Lucia*, no Provisorio, pela *prima-donna*.

—Aquelle *sol* desafinou (disse o cavalheiro).

—Eclipsou-se (observou a dama).

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado de p. 32.)

SCENA 4.^a

D. Francisco, o Conde, a Condessa, Jeronymo da Graça e Eduardo Simões.

GRA.—(Comprimenta à Maria, Simões imita-o). É a sra. Condessa d'Avila que tenho a honra de cumprimentar?

MAR.—Não, senhor. (Sáhe).

GRA.—Ah!

SIM.—(Baixo).—Espichou-se, patrão.

GRA.—(Comprimenta Fernando, perturbado). É ao sr. Conde d'Avila...

SIM.—(Comprimenta). Sr. Conde...

FERN.—Não, senhor. (Comprimenta e sáhe).

GRA.—Ah!

SIM.—(Baixo). Novo espiche, patrão.

GRA.—(Baixo). En não nasci para estas cousas. (Alto, à Condessa). Homem, agora só a senhora póde ser a Condessa.

D. FRAN.—(Rindo). Si não fôr eu.

GRA.—Lá isso não!

SIM.—Não é elle não, patrão!

GRA.—O senhor é o sr. Conde: muito bem!—sr. Conde...

D. FRAN.—Tambem não sou eu.

GRA.—Então é o senhor. (Ao Conde).

SIM.—Quem hade ser sinão elle?

GRA.—Perdoae-me, meus senhores e senhora, mas é que...

D. FRAN.—O senhor é curto da vista, não?

GRA.—Não: mas sou muito... acanhado... Chamo-me Jeronymo da Graça...

D. FRAN.—O nome não vem ao caso: póde V.^a S.^a chamar-se Graça e não tremer por qualquer causa... (à parte) e mesmo não ter nenhuma.

GRA.—Não ha duvida. Mas é que... (Baixo, a Simões). Falla em meu lugar, Eduardo que eu não sei por onde hei de começar.

SIM.—Lá váe tudo em pratos limpos. O sr. Jeronymo da Graça, meu patrão, tem muita energia.... sim, senhores.... muita energia! mas assim uma energia que não apparece: finalmente, é um homem superior, mas uma superioridade... das engarrafadas...

COND.—Acabemos com isto: o que desejam V.^{as} S.^{as}?

GRA.—Chamo-me Jeronymo da Graça...

sim, senhor... e sou tabellião em Villa-Pouca d'Aguiar na provincia de Traz-os-Montes...

SIM.—Primeiro tabellião! e eu, Eduardo Simões, primeiro escrevente do dito primeiro tabellião da sobredita Villa-Pouca d'Aguiar, na referida provincia de Traz-os-Montes...

GRA.—Vim de proposito á Lisboa para tratar com o sr. Conde e a sra. Condessa de um negocio....

SIM.—Muito importante!...

GRA.—E urgente!

COND.—Não parece.

GRA.—Trata-se da velha prima de v. ex.^a... da ex.^{ma} sra. D. Juliana Francisca Maria Joseph de Lencastre e Avila... que Deus tenha na sua santa gloria.

(Continúa.)

DECLARAÇÃO.

No Relatorio do Secretario Geral a pag. 18, col. 1.^a, sem duvida por inadvertencia, não vem os nomes dos Srs. Alves de Brito, Pinheiro de Siqueira, Cerqueira Miranda, e Manebo, incluídos no numero dos Socios, que mais trabalharam na 2.^a Secção, como consta do Relatorio do respectivo Secretario de 1859; e aqui consignando seus nomes, queremos reparar essa falta.

Freire.

Ao „Cruzeiro do Sul.“

Pede-se ao Revisor dos jornaes do n.º 3 do *Cruzeiro do Sul*, que se dê ao trabalho de consultar a errata que vem no fim do n.º 3 do *Kaleidoscopio* de 21 de Abril. Si já a tivesse lido, excusava dar-se a tanto encommo sobre a palavra *caprichos*. Pois não vê S. S. que isto foi um admiravel capricho do compositor, mau grado duas correções? O texto dizia *capuchinhos*. Para que argumentar com semelhantes futilidades? Felizmente que foi o unico erro que notou o *Cruzeiro*, no artigo do n.º 2 a que allude, e esse sabiu notado antes do *Cruzeiro* o ver. Quanto ás chufas, fiquem para quem só nasceu para ellas.

1.º de Maio.

S. Paulo.—1860.—Typographia IMPARCIAL de J. R. de Azevedo Marques.